

I

“Exceptuando as Grutas Marabar, que ficam a umas vinte milhas de distância, a cidade de Chandrapore nada apresenta de extraordinário. Mais ladeada do que banhada pelo rio Ganges, estende-se por duas milhas ao longo da margem e mal se distingue da abundante lixeira ali existente. Não há degraus para banhos frente ao rio, pois o Ganges naquele sítio não é sagrado; aliás, nem frente de rio existe, os bazares tapam o panorama do amplo e inconstante curso. As ruas são miseráveis, os templos insípidos e, se algumas boas casas existem, estão escondidas dentro de jardins ou ao fundo de alamedas cujo matagal é dissuasivo, excepto para convidados. Chandrapore nunca foi grande nem bonita, mas duzentos anos atrás ficava na estrada de ligação da Alta Índia, então imperial, ao mar; e as boas casas datam dessa época. O gosto pela decoração parou no século XVIII e nunca foi democrático. Nos bazares não se vêem pinturas, e muito raramente esculturas. A própria madeira parece ser feita de lama, os habitantes de lodo. Tudo o que a vista alcança é tão rasteiro, tão monótono, que quando as águas do Ganges descem dir-se-ia quererem arrastar aquela excrescência de volta à terra. Caem casas, pessoas afogam-se e apodrecem, mas o contorno geral da cidade mantém-se, crescendo aqui, encolhendo ali, à imagem de uma forma de vida inferior, mas indestrutível.

Vista do interior, a perspectiva altera-se. Existe um *maidan* oval e um lúgubre hospital sobre o comprido. As casas dos eurasiáticos ficam na parte alta, junto à estação de caminho-de-ferro. Atrás da linha do comboio, que segue paralela ao rio, a terra afunda-se, para depois tornar a erguer-se abruptamente. Nesta segunda elevação situa-se o pequeno Posto Administrativo, a zona residencial dos ingleses, e vista daí Chandrapore apresenta-se totalmente diferente. É uma cidade de

jardins. Não uma cidade, uma floresta escassamente semeada de cabanas. Um deleite tropical, banhado por um rio nobre. As palmeiras, as amargoseiras, as mangueiras e os pipais que se escondiam atrás dos bazares tornam-se então visíveis e, por sua vez, escondem os bazares. Essas árvores erguem-se dos jardins cujos tanques antigos as alimentam, furam arrabaldes sufocantes e templos desprezados. Em busca de luz e ar, e dotadas de uma força superior à do homem ou das suas obras, pairam acima do substrato inferior para se saudarem com ramos e folhas acenantes e construírem uma cidade para os pássaros. Principalmente depois das chuvas, olham de alto o que em baixo se passa; mas sempre, ainda que ressequidas ou desfolhadas, elas glorificam a cidade para os habitantes ingleses do monte e de modo que os recém-chegados não a julguem tão descarnada quanto se diz e tenham de descer para sofrerem a desilusão. Quanto ao Posto Administrativo em si, não causa qualquer emoção: não encanta, nem repugna. Está sensatamente planejado, com um Clube de tijolo vermelho no cume, atrás uma venda e um cemitério, e os bangalós dispostos ao longo de ruas que se cruzam em ângulo recto. Nada tem de hediondo, mas só a vista é bonita; o único ponto comum com a cidade é o céu formando um arco por cima.

Também o céu tem as suas alterações, mas menos acentuadas do que as da vegetação e do rio. Por vezes apresenta-se como um mapa de nuvens; mas habitualmente é uma cúpula de matizes fundidos, em que a tonalidade dominante é o azul. De dia o azul empalidece quase até ao branco, onde vai confundir-se com o branco da terra; depois do sol-posto adquire uma nova circunferência, laranja, misturando-se mais acima com uma púrpura suavíssima. Mas o âmago azul persiste, mesmo de noite. Então as estrelas ficam suspensas, como lâmpadas, da abóbada imensa. A sua distância à terra nada significa em relação à distância que fica por detrás delas; distância essa que, apesar de exterior à cor, por fim se liberta do azulado.

O céu determina tudo: não só os climas e as estações, mas quando a terra ficará bonita. Porque esta só por si pouco pode... além de uns míseros rebentos de flores. Mas quando o céu quer, a glória chove sobre os bazares de Chandrapore, ou uma bênção passa de horizonte a horizonte. Isso, o céu pode fazê-lo; porque é forte e imenso. A força vem-lhe do Sol, é-lhe infundida diariamente, à escala da terra prostrada. Não existem montanhas a interferir no relevo. Léguas após léguas o solo estende-se plano, sobe um pouco, torna a aplanar-se. Só a sul,

onde um grupo de punhos e dedos se erguem do chão, essa infundável lisura é interrompida. Os punhos e dedos são os Montes Marabar, que contêm as extraordinárias grutas.

II

Largando a bicicleta, que caiu antes que um criado a viesse segurar, o jovem subiu apressadamente os degraus da varanda. Todo ele era entusiasmo.

— Hamidullah, Hamidullah! Cheguei atrasado? — perguntou.

— Não venhas com desculpas — disse o anfitrião. — Chegas sempre atrasado.

— Peço-te que respondas à minha pergunta. Cheguei atrasado? O Mahmoud Ali já comeu tudo? Se assim for, vou a outro sítio. Sr. Mahmoud Ali, como está?

— Obrigado, Dr. Aziz. Estou a morrer.

— A morrer antes do jantar? Oh, pobre Mahmoud Ali!

— Aqui o Hamidullah é que está morto. Finou-se quando vinhas a caminho na bicicleta.

— Pois foi isso mesmo — disse o outro. — Imagina-nos a falar contigo de um outro mundo, mais feliz do que este.

— Será que nesse vosso mundo mais feliz existe algo tão bom quanto o narguilé?

— Aziz, não brinques. Estávamos aqui numa triste conversa.

O narguilé fora preparado com demasiada pressão, conforme era habitual na casa do amigo, e borbulhava zangado. Aziz bajulou-o. O tabaco, finalmente submisso, penetrou-lhe os pulmões e as narinas, anulando-lhe o odor a estrume de vaca que inalara ao atravessar o bazar. Era delicioso. Experimentava um êxtase, sensual, mas saudável, através do qual a conversa dos outros dois não lhe parecia ser particularmente triste — discutiam se era ou não possível travar amizade com um inglês. Mahmoud Ali argumentava que não, Hamidullah discordava, mas com tantas reservas que não chegava a criar fricção. Que agradável era encontrar-se ali estendido naquela ampla varanda, com a Lua a erguer-se e os criados nas traseiras a prepararem o jantar. Não havia elementos perturbadores.

— Olha, tens o exemplo do que me aconteceu esta manhã.

— Só te queria explicar que em Inglaterra é possível — replicou Hamidullah, que estivera nesse país há anos, antes da grande migração, e fora cordialmente recebido em Cambridge.

— Aqui é impossível, Aziz! O do nariz vermelho tornou a insultar-me em pleno tribunal. Não o censuro. Devem ter-lhe dito que era preciso insultar-me. Até há bem pouco tempo era um tipo simpático, mas os outros influenciaram-no.

— Pois, aqui não têm hipóteses, é o que eu penso. Chegam cá todos cavalheirescos, mas depois dizem-lhes que assim não resulta. Vejam o Lesley, o Blakiston, agora o nosso rapaz do nariz vermelho, e qualquer dia é o Fielding. Ainda me lembro de quando o Turton cá chegou. Estava noutra parte da Província. Vocês podem não acreditar, mas andei com o Turton na carruagem dele a guiar... o Turton! Chegámos mesmo a ser íntimos. Mostrou-me a coleção de selos.

— Pois agora esperaria que lha roubasses. O Turton! Mas o tipo do nariz vermelho vai ser pior do que o Turton!

— Não me parece. Acabam por ser todos iguais... nem piores, nem melhores. Dou dois anos a qualquer inglês, seja ele o Turton ou o Burton. A única diferença está na primeira letra do nome. E a qualquer mulher inglesa, dou seis meses. Também são todas iguais. Não acham que é assim?

— Não — retorquiu Mahmoud Ali com uma expressão de graça amarga, sentindo dor e divertimento em cada palavra pronunciada.

— Eu, quanto a mim, encontro diferenças profundas nas pessoas que nos administram. O do nariz vermelho tartamudeia, o Turton fala distintamente, a Sr.^a Turton aceita subornos, a Sr.^a Nariz-Vermelho não, nem pode, porque até à data ainda não existe nenhuma.

— Subornos?

— Não sabias que, quando estiveram na Índia Central, onde havia uma rede de canais, um rajá ou alguém parecido lhe ofereceu uma máquina de costura em ouro maciço para que a água atravessasse o Estado dele?

— E atravessa?

— Não, e é aí que reside a arte da Sr.^a Turton. Quando nós, pobres nativos, aceitamos algum suborno, fazemos aquilo para que nos subornaram e, conseqüentemente, a lei descobre-nos. Os ingleses, esses, aceitam e não fazem. Chego a admirá-los.

— Todos nós os admiramos. Aziz, passa-me o narguilé, por favor.

— Ah, ainda não... está tão agradável agora.

— És um rapaz muito egoísta. — De súbito ergueu a voz e perguntou pelo jantar. Os criados responderam que estava pronto. Queriam dizer que desejariam que estivesse pronto; e foram compreendidos, porque ninguém se mexeu. Hamidullah prosseguiu, mas noutro tom e com evidente emoção.

— Vejam, por exemplo, o meu caso... o caso do jovem Hugh Bannister. Trata-se do filho dos meus queridos amigos, já falecidos, o reverendo Bannister e a esposa, cuja bondade para mim em Inglaterra nunca esquecerei nem poderei descrever. Foram como um pai e uma mãe para mim, falava com eles como falo agora convosco. Durante as férias, a reitoria era a minha casa. Confiavam-me os filhos... quantas vezes andei com o pequeno Hugh ao colo... levei-o a ver o funeral da rainha Vitória, erguendo-o acima da multidão.

— A rainha Vitória era diferente — murmurou Mahmoud Ali.

— Soube agora que o rapaz se estabeleceu como negociante de peles em Cawnpore. Imaginem quanto anseio por o ver e lhe retribuir o que lhe devo, oferecendo-lhe a minha casa. Mas será inútil. Os outros anglo-indianos já o devem ter influenciado. Pensará que desejo alguma coisa em troca, e não poderia suportar isso vindo do filho de antigos amigos meus. Oh, porque estará tudo errado neste país, *vakil sahib*? Diz-me.

Aziz intrometeu-se. — Falar dos ingleses para quê? Brrr...! Que interessa sermos ou não amigos deles? Porque não os deixamos em paz e nos divertimos? A rainha Vitória e a Sr.^a Bannister eram as duas únicas exceções, e já morreram.

— Não, não... não admito isso. Conheço mais.

— Também eu — disse Mahmoud Ali, mudando repentinamente de posição. — Nem todas as mulheres são iguais. — O tom alterou-se, e recordaram pequenas amabilidades e atenções. — Disse «muito obrigada» com o ar mais natural do mundo... Ofereceu-me uma pastilha ao ver que a poeira me irritava a garganta. — Hamidullah recordou com facilidade mais exemplos importantes de cuidados angélicos, mas o outro, que só conhecia a Anglo-Índia, teve de rebuscar fragmentos na memória, não sendo de surpreender que insistisse: — Mas tudo isto, claro, são exceções. Não há regra sem exceção. A mulher comum é igual à Sr.^a Turton e tu, Aziz, sabes bem como ela é. — Aziz não sabia, mas disse que sim. Porque também ele ge-